



Confederazione Mondiale Exallieve ed Exallievi delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Via Gregorio VII, 133 int.4/sc.B 00165 Roma
Tel.06/63.56.92 Fax 06/39.37.51.31 C.F. 97070250580 www.exallievefma.org

Nucleo 18°

Camminiamo insieme Diciottesimo nucleo: Nascemos familia

a cura di Gabriela Patiño

La nostra riflessione sulla famiglia ci conduce in questo nucleo a guardare noi stessi e capire che tutti siamo nati famiglia. Prendendo spunto dalla sacra Famiglia di Nazareth, don Marco Panero, sdb, ci aiuta ad approfondire l'Amoris laetitia e ci invita a andare ai nostri origini naturali e trattenerci sul nostro passato come condizione per guardare con coraggio ed efficacia il nostro presente. E' così che possiamo occupare il posto che ci aspetta in questo mondo, come sue cittadini, perché figli.

Il nostro grazie a don Panero per questo esercizio di affacciarsi sulla nostra storia, che a tutte e tutti ci fa tanto bene.

Uma família de pequenos

Santa Família de Nazaré, modelo de toda a família! Quantas vezes ouvimos esta expressão, a tal ponto que nos poderia parecer quase óbvia, convencionalmente óbvia. No entanto, cada vez que a ouvimos repetir, cresce no coração o desejo infantil de nos metermos naquelas paredes abençoadas da casa de Nazaré, para dar uma olhadela aos seus moradores, para respirar, também nós, embora de fugida, aquela atmosfera santamente familiar que ali devia reinar.

Imaginamo-la *uma família de pequenos*, a Sagrada Família. Composta de pessoas que não participam, excetuando uma mínima parte, nos grandes processos de decisão da história; que não têm voz no capítulo, mas sobre quem recai, no entanto, o peso e as consequências das decisões tomadas noutros lugares. Como quando a ordem do recenseamento, emitido pelos palácios imperiais romanos, chega à distante e obscura Belém e os pequenos do Evangelho para lá se encaminham (cf. *Lc 2, 1-3*).

Uma família, portanto, de pequenos, a Sagrada Família, inteiramente sujeita às decisões dos outros. E, no entanto, *livre de qualquer ressentimento*, que não mantém animosidade nem ressentimento em relação a ninguém. É impressionante como José e Maria *não perdem a paz com os acontecimentos externos*. Perante as decisões que ultrapassam a sua compreensão, não se fixam em resistências inúteis, que teriam feito perder o maior bem que possuíam, o dom da paz do coração, própria de quem confia em Deus e a Ele se entrega. Ao imperador deve-se, sim, a obediência na medida em que lhe compete, mas o coração permanece livre, interiormente composto, na posse daquele que o sabe guardar. Aqui está o verdadeiro tesouro e a autêntica liberdade: José e Maria tinham-no compreendido bem.

Na Família de Nazaré, os dias sucedem-se muito serenos, em clima de obediência recíproca: Jesus submisso aos seus pais (cf. *Lc 2,51*); Maria obedece silenciosamente a José, tal como se esperava de uma piedosa mulher hebreia; José, por sua vez, obedece prontamente à autoridade política e à divina, respeitando escrupulosamente as obrigações religiosas, exigidas a cada israelita (cf. *Lc 2,21-24*) e mostrando uma rapidez admirável em aceitar tudo o que Deus, através do seu anjo, lhe ia comunicando vez por vez (cf. *Mt 2,13-23*).

Esta é a graça da Família de Nazaré, na qual *cada um sabe estar no seu próprio lugar*, cumprindo

com prontidão e reserva o papel que lhe compete. Santa discrição!

Nascemos família!

Tendo como pano de fundo a amável Família de Nazaré, é belo determo-nos a fazer memória da nossa família de origem, daquela encruzilhada de afetos que sediaram a nossa entrada neste mundo. *Vimos ao mundo numa família*: pelo tempo que for, mas nem por isso irrelevante!

Fazer memória lúcida e grata do nosso passado, das nossas origens, é condição para aprender a perceber *a importância do presente* que nos é dado viver, um presente que deve ser de importância extraordinária, embora para o preparar tenha havido tantos acontecimentos e estado tantas pessoas.

É necessário fazer memória da nossa família para não nos esquecermos que *somos e mantemo-nos sempre filhos*, independentemente da idade, do estado de vida, da especialização profissional ou da experiência amadurecida. E isto faz-nos bem, porque nos mantém humildes. É sempre a partir do seio de um passado que se mantém a minha origem, que me é permitido olhar para o presente, ocupar o meu nicho na cena do mundo, exprimir a altura daquilo que eu sou. A minha própria personalidade amadurece na medida em que me reconheço *filho* (de Deus, dos meus pais, de uma tradição religiosa, pátria, cultura, língua, pensamento...), em que eu reconheço laços a que eu próprio estou ligado e me empenho em honrá-los. De facto, se a ligação com a origem for interrompida abruptamente, produzem-se disfunções fatais, que o vocabulário regista com os seus termos próprios, muitas vezes privados (um ateu, um órfão, um apátrida, ...).

Faz-nos refletir ainda como para Jesus também não foi diferente. Quando já famoso, regressa à sua pátria, os seus concidadãos fazem dele uma radiografia que diz exatamente o seu posicionamento no mundo: “Não é este o filho do carpinteiro? E a sua mãe, não se chama Maria? E os seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas?» (Mt 13,55). Está tudo: laços parentais, parentesco, profissão. Assim, para sermos honestos, também não podemos pensar em nós próprios, a não ser dentro do quadro daquilo que nos precede. *Quem somos, devemos-lo em boa parte aos que nos precederam*, pais, familiares, professores, guias espirituais... que, com paciência e perseverança, deitaram a mão ao sacrifício requerido a cada educador: investir amplamente, aceitando quase nunca conseguir ver a obra realizada, recompensados apenas pela consolação de ter contribuído o mínimo para uma realização infinitamente maior.

Bem o compreendeu Mons. Ângelo Roncalli, futuro São João XXIII quando, já Bispo e visitador apostólico na Bulgária, escrevia uma carta aos seus pais: «Desde que saí de casa, por volta dos dez anos, li muitos livros e aprendi muitas coisas que vós não podíeis ensinar-me. Mas as poucas coisas que aprendi de vós são ainda as mais preciosas e importantes, apoiam e dão calor às muitas outras que eu aprendi mais tarde, em muitos, muitos anos». Santa gratidão!

don Marco Panero, sdb